FAROESTE CABOCLO

O ESTRANHO NO NINHO DO SUCESSO

Controvérsias quanto à origem de João de Santo Cristo, o personagem central de "Faroeste Caboclo". Contradições nas palavras dos programadores de rádio. A palavra de Renato Russo. A palavra do público ligado na música. Saiba por que essa música está há meses nos primeiros lugares das paradas de sucesso de todo país. Saiba por que as rádios "ousaram" tocá-la...

BIZZ *Vamos voltar à semana de Rock Brasiliense? Como estava o Legião nesta época (83)?*

Dado Começamos a levar mais a sério o lance de banda. Fazíamos as músicas e as apresentações com um objetivo.

Renato E também tem outra: as pessoas que desarvoravam muito, realmente não participavam tanto. E nessa época *(final de 82, 83 e 84)* já tínhamos nossa sala de ensaio no Brasília Rádio Center — pagávamos aluguel, tínhamos um sistema de cooperativa e lá ensaiavam três bandas: o XXX, a Legião e a Plebe. Fazíamos turnos. Então, envolvia uma certa organização — você tinha de manter a sala limpa, não podia pegar a chave na vez dos outros...

Dado Desde o dia em que eu entrei na porra da banda já pintou uma coisa assim.

Renato Pera lá! O status dele mudou, porque agora ele era do Legião Urbana. Mas o Legião nunca teve concorrência com ninguém. Tinha uma concorrência acirrada entre a Plebe e o Capital, não sei bem por qual razão. Acho que é porque o Fê e o André Müller tinham combinado com o André Pretórius de fazer uma banda — ele ia ser o guitarrista, o Fê baterista e o Müller, quando chegasse da Inglaterra, seria o baixista. Só que eu entrei no meio e fiz o Aborto Elétrico, primeira versão, entendeu? Aí o André Müller fez a banda dele *(SLU, Metralhas... bandas que culminaram na Plebe Rude)*. Acho que pelo fato do André e o Fê nunca terem tocado juntos, pintou uma de "vamos ver!"

Dado Exatamente. E o André chegou num desses verões, numa segunda-feira à noite, naquele show da Livraria Galileu, lembra?

Renato Sim. E a Blitx ficou sendo conhecida como a primeira banda punk de Brasília. Eles ficaram putos porque num release escrevi a palavra: "invejosos". Para toda apresentação eu fazia um xerox explicando a banda, colocava todas as letras porque, debaixo daquela microfonia toda, ninguém entendia o que estávamos falando. E neste release eu coloquei: "invejosos, os rapazes da Blitx formaram sua própria banda". Mas para que eu fiz isso! Os caras ficaram "pês da vida". E eles fizeram esta apresentação na livraria Galileu. Era uma coisa muito louca, porque essa Galileu tinha um barzrinho no andar de cima onde serviam bebidas naturais — guaraná, estas coisas. Imagine chamarem os punks para tocar lá. Foi um *frisson*, um escândalo, super legal.

Dado Eu lembro do André Müller, sentadão com seu recém-chegado baixo Fender. Ele pegou o baixo e jogou lá de cima por algum motivo. Quer dizer, era o primeiro Fender que a gente tinha visto na vida!

Renato Mas o André fazia essas coisas. Uma vez ele foi na escola e estava tendo uma festa lá. Não sei por que cargas d'água ele escondeu os discos debaixo do carro — tinha, inclusive, o segundo LP do Comsat Angels. *(Waiting for a Miracle,* 80). Quando ele voltou, os discos não estavam lá, naturalmente. Até hoje eu pergunto para o André sobre aquele Comsat. Numa outra festa, ele ficou puto não sei com o que e pegou o *Metal Box* dele e quebrou. Aí eu falei: "Pô, dá para mim". E ele "Não, vou pegar de volta!"

Fê Lemos (Arquivo pessoal)

Fê Lemos (Arquivo pessoal)

Acima, foto tirada em maio de 81 por Fê Lemos, durante uma das apresentações da peça O Último Rango, *onde se revezam os vários integrantes das bandas locais numa espécie de jam-session. Renato Russo ameaça levar a guitarra à lona, enquanto Geraldo Lopez (baixo), Loro (no violão 12 cordas) e Marcelo Bonfá (bateria) fazem a cama. Abaixo, foto histórica da Blitz 64, clicada por Fê Lemos em março de 80. Da esquerda, Geraldo (atual Escola de Escândalo), Loro, (atual Capital Inicial) e Gutje (atual Plebe Rude)*

BIZZ *Falem um pouco mais da repressão.*

Dado Nunca fui preso, nunca entrei numa delegacia.

Renato Era tão louco, nem eles sabiam o que era. Implicavam com todo mundo. Era a época da redemocratização. A Colina, que era nossa base bem no comecinho, era também a residência dos professores da UNB — gente da esquerda que não podia falar... E volta e meia vinham as joaninhas — não, nem joaninhas, era veraneio mesmo. Essa história de "Veraneio Vascaína" é por causa disso. Eles entravam na universidade, aquelas coisas de bater em estudante etc. O nome Aborto Elétrico é justamente porque eles inventaram, em 68, os cassetetes elétricos que davam choque. Num dessas batidas, uma menina que estava grávida, nada a ver com a história, levou uma tal daquelas cacetadas e perdeu a criança! Coisa de mau gosto! Então, Aborto Elétrico era o que representava a música da gente. Agora, a repressão existia em vários níveis, em todos os lugares. Tinha de se ter muito cuidado com o que se falava — não podia falar mal do governo, nada. Nem bzzzzzzz. E era só verem um grupo de jovens juntos que vinham estragar, tipo desmancha prazer. Hoje ainda continua. Cada quatro quadras tem uma viatura especial, com telefone especial... Você viu o que aconteceu no show de Brasília, não? Lá é muito bravo mesmo. Mas a primeira vez que eu fui preso foi o seguinte: já tí-

Mauricio Valladares/Azul

Primeira foto de divulgação feita para o lançamento do primeiro LP. Aqui começava a grande escalada do Legião Urbana

nhamos a turma punk e nessa época era meio perigoso, porque os boyzinhos começaram a dar porradas nos mais fraquinhos da turma. No André Müller e no Pretórius nunca batiam, porque eles eram enormes. Mas os garotinhos de 13 anos, como o irmão do Zé Renato, usando brinco, pronto: vai lá e toma porrada! Eu sempre tentava apaziguar os ânimos. Dizia: "Não, gente, vamos explicar o que é que é. Quem sabe eles entendem". Nesse dia eu, com minha roupa punk e toda a turma, falamos: "Vamos para outro lugar, não vamos ficar aqui" *(isso foi em 81)*. Já estávamos indo embora quando chegou esta galera, de 15, 16, 17 anos, todos com aquele uniformizinho igual, sabe, roupa assim de jovem normal, boyzinho... E chegou o liderzinho, um cara "inteligente": "Por que, se vocês são brasileiros, ficam rabiscando a camiseta com essas coisas em inglês?" e eu explicando, tentando convencer: "Pô, vamos ficar todo mundo amigo. Olha, tenho um loló aqui. Vamos cheirar?" O cara que estava do lado dele era federal, e: "Mão prá cabeça!" E foi um teatro só. Ele pegou uma varetinha, como um chicote, e disse: "Na parede! Abre as pernas!" E os boyzinhos, claro, gritando: "Punk se fodeu! Punk se fodeu!" Uma coisa estúpida, porque a primeira coisa que o federal fez foi jogar a garrafa de loló para os boyzinhos. E eles ficaram lá, cheirando. Eu fiquei tão puto com isso! É contra a lei e tudo, mas foi aí que eu vi como era realmente a corrupação. Passei a noite no xadrez... A segunda vez, na festa do Estado, foi mas humilhante. Fora o que aconteceu na "Roconha". Nesta festa (dos Estados) estava lá eu — foi quando o John Lennon morreu — com os meus *badges*, meu cabelo colorido da Mônica, bêbado, falando para todo mundo: "Alô! Eu te amo! A vida é bela!" Perguntava o signo — nessa época eu lia Tarô, fazia mapa astral, um híbrido total. E de repente veio um cara e me deu um puta soco. Eu não me lembro direito, porque eu estava bêbado. Mas fui parar lá no porão da prisão. Mandaram eu tirar a roupa... horrível

BIZZ *Você falou em "Roconha"?*

Renato Roconha era o seguinte. Tinha uma galera com um sítio — acho que era filho de um médico, sei lá. Então fizeram três Roconhas — a primeira parece que foi um escândalo, o máximo, mas ninguém ficou sabendo. Eles abriam a fazenda, o pessoal chegava de carro e ficava ouvindo som: você arrumava uma menina, ficava na boa com ela, fumava unzinho... A segunda foi mais divulgada. Fizeram um convite com um mapinha numa sede, dizendo: "traga o seu". Bem, aí nos juntamos na casa do Fê, todo mundo de gala, com correntes e tudo, e fomos todos para a Roconha. Mas nem entramos! Já tinha policial para tudo quanto é parte — parecia até cena do Kojak, com cachorro e tudo. Já entramos com a mão na cabeça, uns cinqüenta jovens sentados naquele chão de verão que fica uma poeira só. O que teve de vestido branco que se acabou nesse dia!

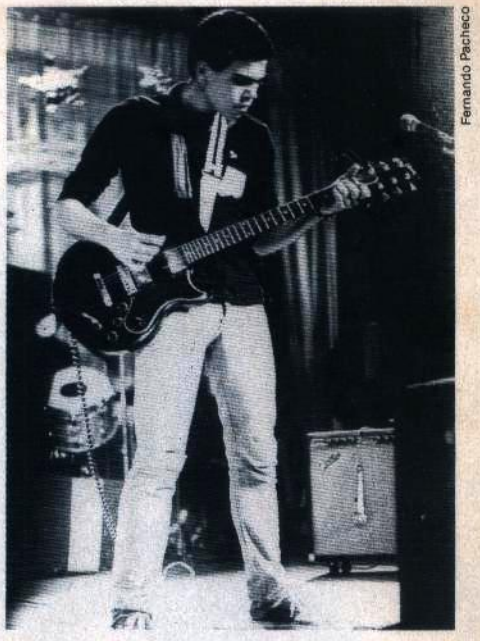
Dado E eles: "Quem é filho de militar, para cá. Os menores, para lá".

Renato E eles nos dividindo e a gente: "Não! Temos de ficar juntos". Foi uma coisa psicologicamente muito ruim. Mas quem sofreu mesmo foram os menores. Abusaram mesmo! Os pais iam lá pegar as garotas e eles falavam: "Sua filha é uma piranha, andando com maconheiros!". Aquelas menininhas de 13 anos chorando, chorando, chorando. Foi horrível! Aí fizemos "Veraneio Vascaína".

BIZZ *Tem uma coisa curiosa! Você falou várias vezes no nome do Sid Vicious. Eu sinto que ele foi um marco de alguma coisa...*

Renato Quando o Sid Vicious morreu eu chorei, chorei de raiva. Foi o primeiro porre da minha vida — tomei uma garrafa de vinho Chapinha. Ele era meu ídolo! Ídolo! Eu tinha um crocodilozinho empalhado que era o Sid — bem, qualquer coisa para horrorizar meus pais, né! — e também um mural imenso no meu quarto, onde eu rabiscava com caneta pilot: "I Wanna Be a Junkie". O meu sonho era ser junkie. Então eu lia *Christiane F.* e ficava: "Ahahahahah!". Tirando isso, eu lia as entrevistas dos caras e eles só falavam coisas que tinham a ver. Tem uma coisa que surpreende. Você pode pensar: "Sid Vicious era um idiota!" Não, não era. Ele que acreditou naquele filme dele, mas só falava coisas legais. Uma música que eu gostava muito era "Bodies", contra o aborto. Nunca imaginei uma postura assim da parte deles. Tinha uma revista que eu gostava muito, chamada *Zig Zag (fanzine que chegou a virar revista e fechou em 86)* e, dentro dessas coisas do punk, era a melhor para se ler — umas superentrevistas. Lembro que fiquei, putz, surpreso com a posição dos caras: falavam realmente da injustiça que existia, da vida em geral, coisas que o Bob Dylan já tinha falado, mas não com tanta veemência. Quando me deram a notícia de que tinha morrido um Sex Pistols, eu pensei: "Nossa, foi o John Lydon!" Mas aí não tinha sido. E foi gozado, porque nessa época (79) a gente mal estava ouvindo o segundo LP, *The Great Rock'n'roll Swindle*, porque era muito difícil de conseguir. Só conhecíamos "My Way", "I Wanna Be Me", algumas faixas — quando tocava "My Way" era uma catarse total, muito emocionante! Quando o Vicious falava coisas como "Olha, eu posso ter feito o que fiz mas foi feito à minha maneira... afinal, é minha vida e ninguém tem nada a ver com isso", era muito intenso! Às vezes eu tenho certos flashes — numa fração de segundos lembro exato como era a coisa física, a energia que eu sentia. É claro, quando ele morreu, apareceu o PIL. Aí que realmente começou tudo. O *Metal Box* bateu, mas, putz, bateu mesmo. Eu achava aquilo muito bom, a nível de idéias. Porque, independente do punk, eu lia muito. Já estava lendo Thomas Mann — coisas de jovem, que começa com Herman Hesse... Lia muito Fernando Pessoa. Então deixou de ser aquela coisa: "Minhas namorada brigou comigo, eu não quero, não quero, vou cheirar cola etc." Passou a ser uma outra coisa. Aí era Joy, muito Joy Division. *Closer*, como a gente ouvia este disco! Não sei como não ficávamos deprimidos. Era entrar na Variant do Fê, tocar aquele negócio e, vamos embora! Foi quando começamos a mudar a roupa, a andar como andamos agora... Mas eu

O JARDIM DA INFÂNCIA, AS GRADES DA ADOLESCÊNCIA E AS FLORES DO ROCK'N'ROLL


Fernando Pacheco

"Chega a adolescência e você tem que tomar um partido, senão vai ouvir música clássica e se tornar um cara bom. Acontece uma virada: são as drogas, a música e as meninas" (Brasília, 27/07/83)

Bonfá — Bem, o rock começou para mim quando eu era ainda garoto — ouvia Rita Pavone no berço. Aí meus pais me deram uns discos com os sucessos da época. Eu tinha um gravadorzinho e minha primeira ligação foi com a percussão. Meu pai já tinha tocado aro de caixa em boate e me ajudou a comprar uma bateria. Meu primeiro disco de rock foi mesmo o do Who *(The Story of the Who,* coletânea de 76). Em Brasília, bem, não lembro. Ah, sim! Uma vez eu estava num festival lá num colégio onde tocaram Blitx e Aborto Elétrico *(abril, 1980)*... Bateu uma coisa muito forte! Fiquei todo arrepiado!

Renato — *(dando uma de entrevistador)* Por que você acha que se arrepiava?

Bonfá — Pô, cara, eu me amarrava. Não sei se porque eu gostava do som. Era visceral, demais! Aí juntamos eu e alguns amigos que estavam na platéia e: "Vamos formar uma banda?" *(com Victor e André Killer, irmão do Fê, do Capital Inicial. A banda não tinha nome).*

Renato — Vocês não achavam barulhento demais?

Bonfá — Era mais uma coisa de distúrbio adolescente, que você canaliza para a música e assim se identifica. Ou seja, rock, 4 x 4, música que você ouve no carro.

Dado — Sei lá, chega a adolescência e você tem de tomar um partido — senão você vai ouvir música clássica e se tornar um cara bom. É difícil falar sobre isso. Acontece uma virada na tua vida na adolescência — são as drogas, a música e as meninas.

Renato — É mais uma questão de inconformismo. Mas isso é gozado, porque eu lembro que na época da gente as pessoas não ouviam rock...

Dado — Mas tinha John Travolta, os Bee Gees, que bateram também...

Renato — Mas era meio moda. Acabou a moda, sumiu.

Dado — Mas eu acho que o rock era meio moda também.

Renato — Mas não sumiu, em termos de comportamento social dos jovens. Depois que acabou a discoteca, o pessoal começou a descobrir o rock. Enquanto a gente estava ouvindo Gang of Four e PIL, eles estavam começando a descobrir Pink Floyd e Led Zeppelin.

BIZZ — *Você chegou a fazer um programa de rádio, em 83, em Brasília, não? Você tinha oportunidade de colocar...*

Renato — *(cortando)* Nunca!!! Eles me despediram. Era hipertriper careta, um emprego mesmo. Foi assim: tinha um programa de jazz e eu fiquei superanimado porque fui chamado para fazer esse programa. Mesmo o jazz não sendo meu tipo de música, eu ia poder trabalhar, escrever textos... Duas semanas depois o cara veio reclamar comigo: "Olha, Renato, você não entendeu muito bem". Não era um programa de jazz, e sim muzak. Tinha de tocar Ella Fitzgerald, "Summertime" — para o pessoal lá dos ministérios, que chega na hora do almoço em casa, liga o rádio e ouve duas horas de jazz-muzak. Era exatamente o que eu tinha de fazer, aquela coisa horrível! Tudo bem, eu lá dando a biografia do Chet Baker, falando que ele era viciado, e o cara no meu pé: "Não, Renato, menos falatório e mais música". Bem, resolveram me dar outra chance e fizeram um programa dos Beatles. E eu: "Oba! Tá pra mim!" E era um tal de tocar "Revolution" e tudo. E novamente o cara veio falar comigo: "Renato, você não entendeu. É para tocar 'Yesterday', 'Michelle'... essas coisas. Rock pauleira, não!" O primeiro bloco que eu fiz era sobre os filmes dos Beatles. Então começava com "Hard Day's Night", depois "Help"... mas eles não deixaram. E aí eu fui despedido. Acho até que nem foi por causa disso. É que eu era meio rebelde, ficava dando muitas sugestões, mudava as listas — eu ia até a discoteca e trocava tudo!

Dado — Brasília é um universo muito pequeno — você acaba conhecendo todo mundo do teu meio, todos os jovens. Havia duas facções: a da MPB — Milton Nascimento, Djavan, Caetano... — e essa outra, a depravada.

Renato — Entre as pessoas que ouviam rock — gozado, porque são as grandes amizades que eu tenho até hoje —, o elo foi a música. Tenho um grande amigo em Brasília. Outro dia estávamos conversando e eu perguntei: "Como a gente ficou amigo?". E ele me contou que tinha voltado de Paris com uns discos e eu disse: "Oh, discos novos na cidade!". Importados e tal. Aí eu fui lá catar alguns e ficamos amigos. Isso antes mesmo do punk, quando já tinha um pessoal que gostava de rock: Mas era *uma, duas* pessoas. Naquela época eu nunca tinha ouvido Velvet Underground!

Dado — Era sempre alguém que vinha de fora. Brasília tem sempre alguém chegando e indo embora...

Renato — Tanto por ser filho de diplomata como por causa do pessoal das embaixadas... Agora, começou mesmo porque em Brasília tinha os jornaizinhos — *Melody Maker, New Musical Express...* — e eu sempre lia. Ganhava minha semana de 50 cruzeiros, cada jornal custava 5 e eu comprava dez — lia, lia e lia... Ficava procurando entrevista com Led Zeppelin — se bem que na época eu não estava ouvindo Led Zeppelin, e sim Joni Mitchell, Bob Dylan...

BIZZ — *Isso foi quando?*

Renato — De 76 a 78. Eu ouvia muito rock progressivo. Aí o progressivo acabou. É aquela velha história — já falei isso tantas vezes! O Rick Wakeman saiu do Yes, o Robert Fripp acabou com o King Crimson, o Peter Gabriel saiu do Genesis... Então o Emerson, Lake and Palmer lançou aquele *Works,* que era horrível — não era tão horrível assim —... e foi acabando e não apareceu nada. Comecei a ouvir anos 60 — Beach Boys, Jefferson Airplane, Bob Dylan — e descobri uma porção de coisas que eu não conhecia. Foi quando comecei a ouvir Leonard Cohen, coisas assim. Aí os jornais começaram a falar mal de toda essa gente, chamando-os de hippies velhos e apontando os Pistols. Até hoje eu tenho um *Melody Maker* com um texto sobre uma apresentação dos Pistols, onde um cara levou uma navalhada no olho etc. Isso começou a me interessar, porque eu ficava

curioso: "Quem são? Falam tão bem! Vamos ver o que que é?". Eu tinha um professor de inglês, chamado Ian, que viajava muito na época. Ele foi para a Inglaterra e eu perguntei: "O que está acontecendo lá?" E ele: "Está acontecendo uma coisa com Sex Pistols?!?!?!" Mas ele falou de um jeito que eu pensei: "Nossa! Que coisa horrível!". E eu continuei desenhando minhas guitarrinhas dos Beach Boys... Um tempo depois, lançaram no Brasil a coletânea *Pop Apresenta O Punk Rock, Television* (1.º LP, *Marquee Moon*), Clash *(The Clash)* e Eddie and the Hot Rods. Eu já sabia sobre as bandas de cor, mas ainda não tinha conseguido os discos. Um pouco antes disso, outro professor de inglês — ele até se matou em São Paulo... *(recordando)* quando a gente fica velho é tão horrível! Tem gente que se matou... Bem, ele foi para lá e eu fiz uma lista de discos para ele trazer. Ele até contou uma história gozada. Foi uma tia dele quem tinha ido comprar os discos. Ela era uma dessas velhinhas riquíssimas e ficou horrorizada ao entrar na loja e ter de pedir discos com aqueles nomes *(risos)*... Ele trouxe um livro cor-de-rosa que falava dos primeiros punks, com fotos e tudo... Era dali que eu tirava meus modelos — usava um grampo aqui na boca, outro aqui assim *(aponta uma face do rosto)*. Eu furava de verdade! As pessoas ficavam horrorizadas! E, também, os primeiros singles do Sham 69, produzidos pelo John Cale. Dois minutos de música e eu ouvia o dia inteiro! Bem, aí tinha o Fê *(atual baterista do Capital Inicial)*, que estudava na Cultura Inglesa e também tinha voltado da Inglaterra. Ele era meio hippie — tinha barba, cabelo comprido, mas usava calças rasgadas. Uma coisa híbrida — hippie com punk. E Sex Pistols daqui, Sex Pistols dali... Até que pintou o dia em que eu estava na Taberna e veio descendo um punk com a namorada dele, um Sid Vicious loiro — era o André Pretórius. Eu cheguei nele e a primeira coisa que eu falei foi: "Você gosta dos Sex Pistols?". E ele: "Sex Pistols! Yeah! Jóia!". E começamos a trocar informações. Eu tinha acabado de receber o segundo LP Do Clash *(Give Em Enough Rope)* e ele o primeiro compacto do PIL. Isso já devia ser 78. Então, bem "vamos formar uma banda?". "Vamos!". Aí formamos o Aborto Elétrico — ele tocava guitarra e eu baixo. Porque nessa época tinha aquela coisa de "façam sua própria banda". E eu ficava enchendo meu pai para ele me comprar um instrumento. Foi meio difícil, mas eu estava trabalhando e juntei uma grana, ele me ajudou e comprei um baixo.

BIZZ — *Mas essa idéia já era antiga na sua cabeça, não é? E para vocês, Bonfá e Dado?*

Dado — Não, de jeito nenhum. Não tinha nada a ver. O Renato sim. Ele tinha idealizado até uma editora, que ele criou há dez anos, para seus discos e sua banda.

Jandir Billapha

Já com Renato Rocha, o Billy, em frente à "casinha do Parkway", onde o Legião ensaiava na época do lançamento do primeiro LP, em 84. Foi Jander Bilaphra, da Plebe Rude quem flagrou o grupo que começava a entrar firme pelas portas do sucesso.

Renato — É, é antigo. Mas, primeiro, além de não encontrar músicos, os que eu encontrava não sabiam o que era rock ou não gostavam. Eu mesmo não sabia tocar. Fiquei um ano para tirar "Blackbird" dos Beatles. Era muito, muito difícil. Até que apareceram os Pistols, fazendo três acordes e falando: "Olha, vocês podem pegar um instrumento e fazer três acordes". E era isso que a gente fazia. Começamos, eu e o André Pretórius, antes até do Fê entrar, porque a bateria não tinha chegado da Inglaterra. Ficávamos tocando a tarde inteira a mesma música — a dos Slaughter and the Dogs. Imagine uma banda chamada "Matança e Seus Cachorros". Era o máximo! A gente adorava! Tinha esses, os Saints, Damned, Buzzcocks, mas o que a gente mais gostava, o mais fácil de tocar, era Ramones. Uma tarde inteira tocando "Now I Wanna Sniff Some Glue"! Parava, voltava, "não é assim, pára, um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito... não, pára, volta!". Fazíamos apenas um lanche e voltávamos. Porque naquela época não tinha muita droga. A gente só pensava nisso — música e banda. E a turminha começou a crescer. Íamos para a Colina, apenas umas três ou quatro pessoas que gostavam de rock: o Fê, o Loro *(também do Capital Inicial, guitarra)* e o Geraldo, do Escola de Escândalo, que era irmão do Loro. E ficávamos o tempo todo conversando sobre a vida, todos com 16/17 anos, falando dos pais, da namorada, tentando conseguir alguma coisa para fazer. Colocávamos o carro dentro da quadra, abríamos as portas e ficávamos ouvindo, ouvindo direto! E grande parte deste material era constituído das melhores coisas. O André Müller *(Plebe Rude)* mandava as fitas da Inglaterra, gravava os programas de John Peel e por essas e outras ouvíamos coisas como Raincoats, Slits... Nem sei mais onde foram parar. Por exemplo: quem tinha o primeiro single do Gang of Four fazia as cópias, distribuía e assim foi indo, foi indo, foi indo até que começaram a entrar as meninas para a turma. Foi quando o Sid Vicious morreu, mais ou menos na mesma época em que apareceu o B-52's. 79, acho. As datas eu não sei, mas foi logo que apareceu Police, *two tones*, Specials, Selecter, Madness.. As meninas vieram porque essa era uma música que elas podiam dançar. Até então era só Sham 69, aquelas coisas. Eu, por exemplo, dançava batendo a cabeça na parede, pulava, rolava pelo chão.. *(risos)*

Dado — Invadíamos as festinhas, animávamos de verdade. Então, se estava tocando um John Travolta em francês, tirávamos e colocávamos nossas fitas. Para não assustar, começava com Talking Heads...

Renato — É, não ia com Pistols direto...

BIZZ — *Quer dizer, tirando vocês, essa pequena turma, tinha alguma outra que chegou junto porque também era radical, ou porque já estava ouvindo essas bandas? Houve uma identificação ou começou mesmo com vocês?*

Renato — Não, tinha alguns amigos que sacavam porque gostavam de rock. Lembram do Puzi, do Rato? *(perguntando ao Dado e Bonfá)*. Eles eram de outro lugar e, de repente, não se juntaram. Mas eu tinha alguns

LEGIÃO URBANA

amigos que eram punks por natureza e não sabiam de nada. Como o Geová, que depois virou crente e depois desvirou. Um belo dia estamos lá num belo clube — era o *Clube de Imprensa*, um desses que tem em Brasília no setor clubes — e estava tocando um Billy Paul da vida e essa cara estava pogando. Aí a gente ficou assim: "Olha, aquele cara é punk! Vamos falar com ele". Qualquer pessoa com alguma identificação, já íamos falar... E tinha muitas histórias assim, como a do Gerusa, passando por uma determinadada quadra e, de repente, ouve um Sex Pistols tocando. Então, pronto! "Tem *uma* pessoas, *umia* pessoas que gosta! Vamos ver quem é!" Fizemos vários amigos assim. Em 79, conhecemos a Valérie — uma francesa — e o Luiz Eduardo numa festa para o Gilberto Gil, onde ele mesmo não apareceu. Estávamos lá, toda a turma, e eles dançando tudo quanto é música, até as do Gil. De repente toca "Rock Lobster", do B-52's. Prá quê! Fizemos amizade na hora! Quando fomos vê-los de perto, ficamos alucinados com seus *badges* (buttons), que eram de verdade. Não havia isso no Brasil, ainda. Fazíamos os nossos com durepox, recortando as figuras das revistas, dos jornaizinhos. Agora, tirando o rock, tinha diversas coisas que faziam com que a gente ficasse junto. Éramos um pouco rebeldes, incoformistas e o rock nos ligava. Mas acredito que muitas daquelas pessoas iriam ser amigas de qualquer forma, por afinidade, por tudo. Acontece que o lance das bandas sedimentou. E é gozado, porque era uma turma tão esdrúxula! Cada pessoa escolhia uma banda como a sua favorita e usava o seu *badge*. No começo, andava todo mundo punk mesmo, rasgado. A Cris, por exemplo, levava o cachorro dela para passear na coleira e ela portando uma coleira, também. Isso em 79 era um escândalo! A gente fazia essas coisas terríveis! Uma vez eu cismei de pintar meu cabelo — fiquei parecendo o anjinho da Mônica. E tinhas as prisões. Fui preso umas duas vezes, porque o pessoal achava que estávamos com drogas... Pixávamos a cidade inteira — letras de músicas, Sex Pistols — apesar de na época não ter pixação, grafite. Só no Rio, como o Celacanto Provoca Maremoto.

Bonfá — Pixávamos o A, em forma de Anarquia e o E, dentro, de Aborto Elétrico.

Renato — Ficávamos uma tarde inteira procurando o que fazer.

Dado — Você saía da sua quadra, andava dois quilômetros, chegava num lugar e os caras estavam lá, com bateria, amplificador, baixo, guitarra, em pleno verão de Brasília. Porque Brasília no verão esvazia, não sobra ninguém. Só fica mesmo quem não pôde sair. E naquele ano eu tinha repetido no colégio e tinha sido obrigado a ficar. Aí, eu e meu amigo fomos para uma lanchonete, a *Foods*, onde o dono emprestava uma tomada e dava sanduíche de graça para quem tocava. Eu fiquei ali do lado, sentado. E o Aborto começou a tocar. Não lembro se eu percebia alguma coisa, mas era uma barulheira infernal. Estava terminando o show — eu lembro direitinho — e o Gutje *(Plebe Rude)* pegou o instrumento para tocar "Romeu e Julieta", que virou: "Romeu e Julieta/ que coisa mais careta/ Vai tomar no c*...", alguma coisa assim.

Renato — Ela fazia assim mesmo: "Vai tomar no c*/ vai tomar no cu" e apontava para o público. E vinha a tropa de choque, cercava o lugar com cachorros e a gente tentando ajudar o Gutje. Tinha muita repressão em Brasília. Até hoje tem, mas nessa época era terrível.

Dado — Mas daí para você começar a pensar que aquilo era uma banda, que poderia virar isso ou sei lá o quê... Jamais passava pela tua cabeça. Você ainda era estudante...

Renato — Tem o fato de ser jovem. Toda cidade falava. Eu lembro que a primeira apresentação do Aborto Elétrico foi num pequeno barzinho no Gilberto Salomão (80), onde só se vendia cana — chamava, inclusive, *Só Cana*. Tinha certas pessoas ligadas nos anos 70 — até mesmo eles — que deram

Cada um na sua.

Alguns para voz, metais, teclados.
Outros para percussão, cordas.
Mas todos com o mesmo sobrenome.

Leson
MICROPHONES

muita força. E a gente era muito entusiasmado. Se encontrássemos alguém para contar a história dos Pistols e o que esse Sid Vicious fazia, como era a história toda... Ou, nós mesmos, falando de como era bacana a gente tentar fazer rock'n'roll, reclamar da vida e tudo. Enfim, se encontrássemos alguém que nos ouvisse, despejávamos tudo. E invariavelmente pintava uma pessoa para dar uma força. Por exemplo, se chegássemos aqui — suponhamos que isso não é um estúdio — e víssemos esse gravador *(aponta o meu)*, a gente logo sentava do teu lado, fazia amizade, e: "Puxa, será que dá para você emprestar esse gravador, porque a gente tem um conjunto, sabe, e, para ensaiar, precisamos..." Era sempre assim. E nessas a gente acabava descobrindo que o cara — como este do *Só Cana* — estaria disposto a deixar a gente fazer uma apresentação no bar dele. Fomos, levamos umas coisas, o Fê com caxumba, febre de 40 graus e, quando terminanos o *set* de cinco músicas, o pessoal reagiu com: "Ehhhhhh! De novo!!" Por que brasileiro gosta muito de uma zona. Então, dá-lhe zona. Eles não entenderam nada: todo mundo parado, assim, *(faz uma expressão de perplexidade)*. Aí tocamos as cinco músicas de novo e, pelo que eu soube, a cidade inteira falou disso depois. Porque, primeiro, ninguém tinha ouvido falar de um grupo de música chegar e tocar de graça e ainda fazer aquele barulho. E o guitarrista loiro, sangrando a guitarra. O Aborto Elétrico era assim — pham!!!. E não era rápido — era lento, tipo Pistols. Eu estava ouvindo uma fita outro dia e percebi como era lento: tipo MC5 e Stooges. Aí, o que aconteceu? A cidade começou a falar. Nos colégios de classe média — Objetivo, Elefante Branco, Marista — o comentário era: "Você viu, aqueles caras, são maconheiros, blá, blá, blá..." Se você fosse meio arisco, ia realmente querer saber quem eram aqueles caras. Então, quando tinha outro show, você sentia que a platéia aumentava — os que tinham ido no anterior levavam mais gente.

Dado — No colégio era legal ser amigo dos punks. Então, se alguém te via naquele show de final de semana, um playboy, por exemplo, logo dizia: "Ah, ah!".

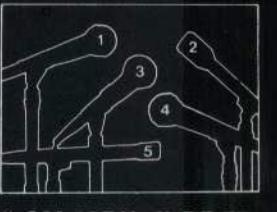
Renato — Eu imagino o que deve ter acontecido no primeiro dia em que o Dado foi ao colégio, portando corajosamente um alfinete! Um alfinete só! Depois rasgou a calça um pouquinho, só um pouquinho...

Dado — Minha mãe usava minhas camisetas para pano de chão. E eu: "Cadê minhas camisa dos Pistols?". E ela: "Aquele trapo?"

Renato — Eu pegava de volta: limpava e vestia de novo .Porque a gente não usava roupa suja — era toda rasgada, mas limpinha.

Bonfá — O que bateu musicalmente para mim — eu lembro direitinho — é que desde garoto, com dez anos, gostava muito do Bill Halley, Little Richard e Beach Boys. Em 80, o irmão do Dinho tinha conseguido o álbum duplo ao vivo dos Ramones *(It's Alive, 79)*. Quando ele botou na vitrola e eu ouvi aquilo, nossa! Era uma coisa simples e que bateu na hora. Eles tocavam "Do You Wanna Dance", que eu conhecia só com Johnny Rivers, e provocou uma mudança a nível musical muito grande. Tenho a fita até hoje!

Renato — É gozado, porque as outras coisas assustavam: Damned assustava, Clash assustava, Pistols assustava, Buzzcocks assustava, só Fiction and Romance que.não assustava — tocava e todo mundo ia dançar. Mas Ramones foi o elo de ligação — todos gostavam. Mas a turma virou turma mesmo quando o Sid Vicious morreu. No começo eram só cinco ou seis amigos. Tinha um mod na turma, que era o Bernardo William — ele usava roupa de mod e ouvia coisas de mod. Tinha eu, que era fã do PIL, então andava como o Johnny Rotten. Aí, digamos, tinha o André Müller, que já era fã de outra coisa e usava as roupas de acordo. Isso era muito gozado! As meninas tinham um estilo meio Go-Go's. E o que a gente fazia? Nos encontrávamos toda noite, eu saía da universidade — estudava comunicações (80/81)...



1) SM-58BK; 2) DP-77; 3) SM-58; 4) SM-58 PLUS; 5) MP-66. Outros modelos profissionais disponíveis. Consulte catálogo nos revendedores LE SON.

U/F-NAVE

UÇA O PROGRAMA **LINGUAGEM SONORA** · FM 107,3 BRASIL 2000

Quando tudo começou em Brasília, Renato, Dado e Bonfá mal poderiam imaginar que eles iriam se tornar o Legião Urbana, uma das bandas mais populares do Brasil. Passados treze anos, às vésperas de lançar *Quatro Estações*, o quarto LP, eles relembram as aventuras e desventuras da época em que Renato tinha vergonha de cantar, Dado rasgava as calças e Bonfá se arrepiava com os primeiros shows punk

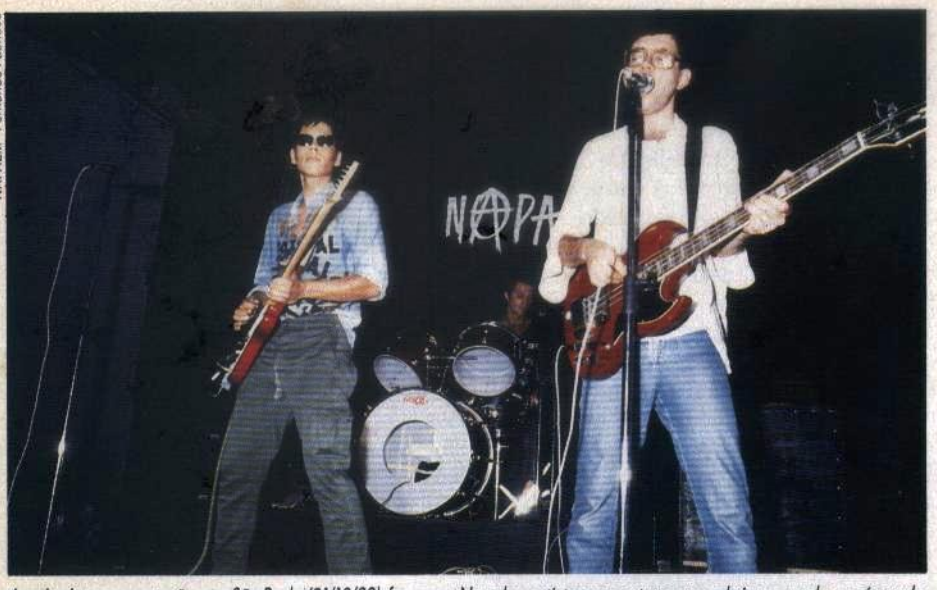
Fernando Pacheco

LEGIÃO URBA

1976 • 1989

DO ABORTO ELÉTRICO AO GLOBO DE OURO

De volta ao começo: Dado, Renato e Bonfá (agosto de 83)



NAPALM - Fernando Pacheco

As primeiras apresentações em São Paulo (21/10/83) foram no Napalm, extinta casa noturna que abrigava punks e pós-punks

Dado — Eu fazia 2.º grau.

Renato — Aí nos juntávamos na Colina, colocávamos os carros, comprávamos um garrafão de vinho — foi quando começamos a beber. Antes, uma dosinha de caipirinha e ficava doidão. E ficávamos lá, a noite inteira, assim: "Como o mundo é belo! Gente, eu adoro vocês!"

Dado — Tinha uma sexta-feira que era de lei — Talking Heads, *77*, a noite inteira. De lei mesmo, na época do Dado e Reino Animal.

BIZZ — *Então você já tinha banda? Por que você falou da lanchonete, que ficava lá olhando, mas não fez a ponte até aí.*

Renato — O lance era o seguinte: cada pessoa na turma tinha que fazer algum coisa. Era como uma lei não escrita. Tinha o pessoal das bandas, apareceram os que faziam fotografias, os que ajudavam a fazer camisetas, os que faziam os instrumentos, os dos posters, os que colavam os posters, os que íam na Censura Federal para liberar as apresentações. Quando não faziam nada, perguntávamos: "Qual é a sua função na turma?". "Eu tenho carro". Então, era a pessoa que tinha carro. Tinha os caras que faziam loló... Mesmo que você fosse da turma e não fizesse nada, imediatamente você queria fazer alguma coisa. E muitas bandas surgiram assim. E depois de ficar tardes e tardes ouvindo e falando sobre música, o passo natural era montar uma banda. É gozado, porque era um híbrido, uma coisa maluca, misturada mesmo. Imagina! Os punks em volta de uma fogueira, fumando e ouvindo música. Teve a fase da benzina, mas descartamos rapidinho... Éramos meio metidos a bestas, intelectualmente. Aproveitávamos muito o que a cidade tinha — era uma garotada com muita informação, os pais tinham livros em casa, todo mundo classe média alta e punks nos fins de semanas. Mas, como todos os punks, éramos pacíficos. A violência só apareceu com os Skinheads. Nós éramos as pessoas mais pacíficas do mundo! E outra, como não tinha o que fazer, e realmente as opções eram poucas, descobrimos muita coisa de graça que as outras pessoas não aproveitavam não sei por quê. Por exemplo, na embaixada da França, sempre passavam filmes gratuitos: Renoir, Cocteau... No Instituto Goethe era Fassbinder, Wim Wenders. Não entendiámos nada, mas já que era de graça, então vamos! Uma pessoa que nos ajudou muito foi o Damata, do cineclube da Cultura Inglesa — passava os filmes de rock para a gente, pois não tínhamos o que ver. Víamos vinte mil vezes aquele filme do Led Zeppelin. Ficávamos esperando passar *Monterey Pop*, ou então íamos ao Galpão, onde passava *Gimme Shelter*, dos Rolling Stones. Era o encontro dos hippies com os punks. Uma coisa que precisávamos era de pessoas que nos dissessem coisas assim: "Olha, o que vocês fazem é isso, vão em frente e façam etc". Porque a gente só levava na cabeça. Todo mundo reclamava do que fazíamos. E, é claro, é bom ser rebelde, contra tudo etc. Mas é legal quando pinta uma pessoa que te dá uma força. E era só dar alguma coisa para fazermos e a gente fazia. Isso foi uma boa experiência, porque mais tarde, quando precisamos, soubemos como liberar um show na censura, como tirar alvará, como funcionava borderô etc. Usamos muito nas apresentações, na semana de rock brasiliense, A.B.O., e depois no Alvorada.

BIZZ — *Como foi a semana de Rock Brasiliense? A Legião já existia, não é?*

Dado — O guitarrista tinha saído há um mês e eu entrei.

Renato — Aí aprendeu a tocar...

Dado — Eram as quatro grandes bandas: Plebe Rude, XXX, Capital Inicial e Legião.

Renato — O Aborto já tinha acabado, há muito, muito tempo atrás. Acabou virtualmente quando o André Pretórius foi para a África do Sul servir o exército e matar os negros. Eu passei do baixo para a guitarra — ensinei o Flávio do Capital a tocar baixo e ele entrou na banda. Foi aí que comecei a usar as letras, porque eu tinha vergonha de cantar. E nessa segunda encarnação já apareceu a Blitx, o que facilitava as coisas. Eles tinham um amplificador e nós, outro. Juntávamos os dois, bateria e, com isso, tocávamos em colégio, festinhas, festas de aniversário... até que foi crescendo, crescendo, crescendo e... novamente acabou o Aborto Elétrico *(março 82)*. Eu briguei com o Fê por causa da música "Química". Nessa época estávamos supersofisticados, ouvindo sei lá o quê — Joy Division, essas coisas — e eu cheguei com aquela música: "Não saco nada de Química..." e eles: "Pô, Renato, você está atrasado..." Eu já tinha a primeira versão de "Baader-Meinhof Blues", estávamos ouvindo Comsat Angels, Killing Joke, *Metal Box* mesmo. "Pô, você está perdendo seu jeito de fazer música", me dizia ele (Fê). "Essa música é muito ruim". E eu sabia que era boa para caramba. Bem, o Fê estava mais interessado em fazer camisetas. E eu ficava lá, pedindo para ensaiar! Aí eu disse: "Quer saber de uma coisa? Vou sair!" Aí virei o trovador solitário. Abria as apresentações das bandas, feitas algumas vezes em cima de um caminhão. Subia e tocava aquelas musiquinhas: "Dado Viciado", "Eduardo e Mônica" etc. E era gozado, porque todos os punks adoravam. O pessoal da UNB, os outros jovens normais, digamos, detestavam. E eram musiquinhas tão bonitinhas! Não sei como as pessoas não ouviam naquela época. Tava lá o cara cantando sua música, eu chegava com meu violãozinho, tipo: "Poxa, posso tocar também?" Eu era muito inseguro e ninguém queria saber. E eu pensava: "Poxa, eu sei que essas músicas são boas. Um dia eles vão ver!"

BIZZ — *Mas essa coisa de artista solo não te satisfazia muito, não é?*

Renato — Não. Eu queria mesmo era ter uma banda. Eu sempre quis ter uma banda. Aí teve a festa do chapéu do André Müller e lá estava o Bonfá. Uma coisa curiosa é que eu lembro direitinho como conheci o Bonfá, o Fê, mas não lembro como conheci o Dado. O Bonfá tinha saído do SLU por diferenças musicais e eu disse a ele: "Vamos fazer uma banda?" "Vamos". E nosso plano era assim: fazer um núcleo baixo e bateria e chamar todas as outras pessoas para participar. Porque aí já tinha zilhões de guitarristas — Zezinho, Felipe Seabra, Loro, eu... Mas esse plano não deu certo — não tinha lugar para ensaiar. *Sônia Maia*

NA PRÓXIMA EDIÇÃO CONTINUA A HISTÓRIA DA LEGIÃO URBANA

MÚSICA URBANA

Nas ruas os mendigos com esparadrapos podres
cantam música urbana.
Em cima dos telhados as antenas de TV
tocam música urbana.)
Motocicletas querendo atenção às 3 da manhã
é só música urbana.
Os PM armados e as tropas de choque
vomitam música urbana.
E na escola as crianças aprendem a repetir
a música urbana.
Nos bares os viciados sempre tentam conseguir
a sua música urbana.
O vento forte seco e sujo em cantos de concreto
parece música urbana.
E nos pontos de ônibus estão todos ali
vivendo a música urbana.

Não há mentiras
nem verdades aqui
só há
a música urbana.

Aborto Elétrico

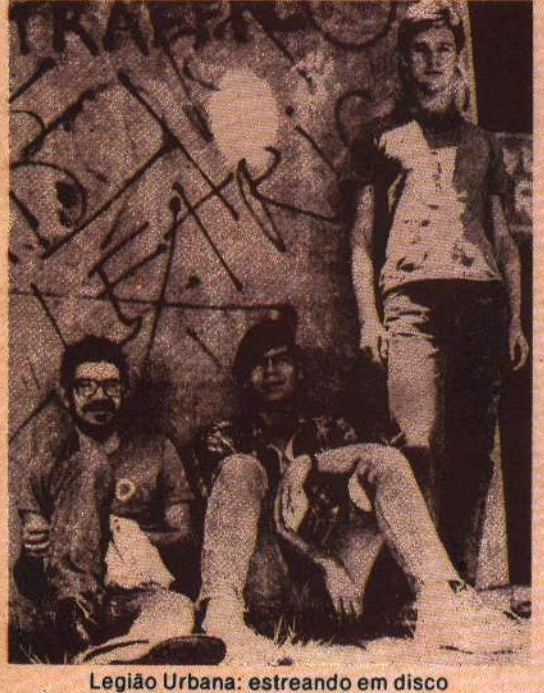
Ico Ouro-Preto - guitarra
Flávio Lemos - baixo
Felipe Lemos - bateria
Renato Russo - letras, vocal.

Todas as músicas © 1981 Aborto Elétrico.
Todos os direitos reservados.

All Rights Reserved Copyright 1981.

Alô multinacionais.
Goodbye inocência.

Acima, release do Aborto Elétrico abaixo, página do Correio Brasiliense *(9/12/84) reportando shows do Legião, Capital e Lobão*



Legião Urbana: estreando em disco

junto, instrumento que sempre dividiu com o violão. Depois viria a trabalhar com Luís Melodia, Patrick Moraz, Jim Capaldi, Marina e Gang 90.

Guto e Lobão fizeram parte, também, do núcleo inicial da Blitz. Guto Barros é, inclusive, um dos autores do primeiro sucesso dicou a Tom Jobim. Há ainda baladas como **Abalado** e **Me Chama**, o grande hit do grupo no momento. Talvez o brasiliense não possa ouvir **Teoria da Relatividade**, que teve sua execução pública proibida. A censura não gostou do triângulo amoroso descrito: **Livros na minha cabeceira/ e ela**

na cama com outro rapaz/ (...)/Enquanto eu leio, os dois se beijam/me mandam passear/eu sei que a cama é pequena demais para nós três.

LEGIÃO URBANA

Seguindo o exemplo dos seus amigos do Paralamas do Sucesso, o pessoal do Capital Inicial foi à luta. Deixou Brasília, onde seu trabalho não obteve, inicialmente, o reconhecimento devido e foi para o eixo Rio-São Paulo, transformando-se na sensação das danceterias.

Foi tão grande o sucesso obtido pela Legião em locais como **Rádio Clube, Rose Bombom**, e **Circo Voador**, que imediatamente a **EMI-Odeon** convocou para a gravação de um disco. Inicialmente era para ser gravado um compacto, mas a coisa evoluiu e agora está chegando às lojas o elepê de estréia do grupo, trazendo músicas como **Será** (é a que vai ser trabalhada inicialmente), **Geração Coca-Cola, Soldado, Por Enquanto** (eletrônica) e **A Dama**.

É tão grande o prestígio de Renato Russo (vocal), Dado Villa-Lobos (guitarra), Renato Rocha (baixo) e Marcelo Bonfá (bateria) no Rio de Janeiro, que Ricardo Amaral, o rei da noite, os convidou para tocar na inauguração da **Mamão com Açúcar**, a nova e badalada danceteria carioca.

CAPITAL INICIAL

Juntamente com a Legião Urbana e a Plebe Rude, o Capital Inicial forma o triunvirato do rock brasiliense, ou de uma das vertentes do rock candango: a dos punks. Embora não aceitem muito este rótulo, foi através dele que eles ficaram conhecidos e que chegaram com sucesso ao Sul Maravilha.

Integrado por Louro (guitarra), Fê (bateria), Flávio (baixo) e Dinho (vocal), o Capital Inicial vem, igualmente, fazendo o circuito das danceterias paulistas e cariocas. Hoje a temática do Capital ainda lembra os punks mas sua música está aberta a outras influências, incluindo ritmos como o baião.

CRONOLOGIA

1978 Em meados deste ano forma-se o primeiro Aborto Elétrico, com Renato Russo (baixo), André Petrórius (guitarra) e Fê (bateria). Ensaiam até 79.

1980 janeiro: primeiro show do Aborto no Gilberto Salomão. □ **Abril** segundo show já ao lado da Blitz 64, que depois virou Blitx, formada por Loro (atual Capital Inicial, guitarra), Geraldo (atual Escola de Escândalo, baixo) e Gutje (atual Plebe Rude, bateria). Entre 80/81, André Pretórius vai para a África do Sul e Renato assume a guitarra. Entra Flávio Lemos (baixo) e permanece Fê (bateria). Até então, tanto Blitx como Aborto não trabalhavam com letras e cantores. Ainda neste ano realizam-se as duas famosas Roconhas.

1981 André Müller volta da Inglaterra e forma os primeiros esboços da Plebe Rude — que chegou a chamar, entre outros nomes, SLU e Metralhas — da qual participou, entre outros, Bonfá, atual bateria Legião Urbana. □ **Abril** primeiro show pago das bandas Aborto Elétrico, Blitx, 5ª Coluna e primeira formação da Plebe. □ **Julho/agosto** terceira e última formação do Aborto Elétrico. Entra Ico Ouro Preto (guitarra), Renato Russo (vocal/letras), Fê (bateria) e Flávio Lemos (baixo). □ **Novembro** realiza-se aquele que seria quase o último show do Aborto, na sala Funarte ao lado da Plebe Rude (em sua definitiva formação, mantida até hoje), Blitx, Sepultura e Fusão.

Renato Russo e turma são presos na discussão com os boyzinhos.

1982 Renato Russo, sai definitivamente do Aborto Elétrico e passa a fazer um trabalho solo, até montar o Legião Urbana neste mesmo ano com Bonfá (bateria), Eduardo Paraná (guitarra), Paulo Paulista (teclados) e ele (vocal/letras/baixo). Flávio, Fê e Ico mantêm o Aborto. Ico sai do grupo e, na Expo Art 7 (maio) Fê chama Renato para participar do derradeiro show do Aborto. Começa o reinado da Plebe Rude. Nesta época já havia, entre outras, as seguintes músicas: "Fátima", "Conexão Amazônica", "Benzina", "Verde Amarelo", "Que País É Este". □ **Julho** Loro chama Fê para o Capital e Flávio também vai. Até maio de 83 uma garota assume os vocais, momento em que entra Dinho, compondo o atual Capital Inicial.

1983 Eduardo Paraná e Paulo Paulista saem do Legião. Ico Ouro Preto assume a guitarra por um certo espaço de tempo, sendo substituído por Dado já na semana de rock brasiliense do Teatro ABO, em abril deste ano. □ **Julho** dirigem-se para o Rio, Legião, Plebe e Capital para o primeiro show numa grande cidade, realizado no Circo Voador.

XXX antigo Blitz 64, Blitx, formado por Geraldo, Loro e Gutje.

Dado e Reino Animal banda da qual fizeram parte Dado, Dinho, Loro, Bonfá e Pedro Thompson.

DO ABORTO ELÉTRICO AO GLOBO DE OURO

PARTE III

LEGIÃO URBANA

Enfim, chegamos à terceira e última parte da trajetória do Legião Urbana. Os garotos que desencadearam um surto punk em Brasília já não são os mesmos. Depois da consagração definitiva — estabelecida em *Dois* e confirmada em *Que País é Este?* — quais as perspectivas do grupo? Flagrados no término das gravações de *Quatro Estações*, título provisório do quarto LP, Renato Russo, Dado Villa Lobos e Marcelo Bonfá debatem o atual estado de coisas numa entrevista pontuada por dúvidas, dramas e reavaliações

BIZZ *O mega-estrelato mexeu muito com a cabeça de vocês?*

Dado Mega-estrelato!?!? *(Risos)*

BIZZ *E não foi?*

Dado O que aconteceu foi que as músicas começaram a tocar no rádio — "Tempo Perdido", depois "Eduardo e Mônica", depois veio "Daniel na Cova dos Leões", "Índios"... Até então, estávamos acostumados a tocar em lugares como Metrópolis, onde cabem 1 800 pessoas, estava sempre lotado. Fomos para um outro estágio, onde você passa a tocar em ginásio para dez mil pessoas, lotado também. Isso não mexe muito com a cabeça, não. Não senti assim. Sei lá, continuamos trabalhando, fazia parte do trabalho.

Renato Na verdade, aqui no Brasil você vai aprendendo conforme vai fazendo. Então, *não adianta!* Mesmo todas as coisas que nós sabíamos sobre rock'n'roll e tudo o mais — porque é o nosso trabalho, se eu fosse padeiro, saberia tudo sobre padarias — não ajudaram muito. Você acaba esbarrando, primeiro, na própria gravadora, onde você e eles não têm a mínima noção de como funciona esse processo todo, tanto quanto a imprensa, público... Então, todos foram descobrindo junto com você. Dessa forma, fica difícil perceber que você passou de um plano para outro. Tudo ainda é novidade. O lado negativo — de ficar enfastiado, de não saber o que vai dizer, os dramas... —, isso existe. Mas as coisas boas mesmo, como, por exemplo, o Prince, que deve ter as limusines dele e toda aquela coisa que protege o artista lá fora, aqui no Brasil não tem. Principalmente porque aqui, como disse o Jobim, fazer sucesso é uma ofensa — artista é vagabundo, roqueiro é drogado e por aí vai.

BIZZ *Você escreve bem. É considerado um dos melhores letristas da nova geração. Como você vê isso?*

Renato Pessoalmente, acho que não escrevo muito bem. Meu forte seria encaixar a letra na música. "Andréa Dória" e "Acrylic on Coavas" até se sustentam separadas da música. É uma questão de jogo de cintura, sobrevivência. E você fica muito inseguro — eu detestava essas críticas que diziam que a gente era um bando de burros, alienados, colonizados, babacas, otários... No começo, eu tinha de provar que a gente não era e, na hora de escrever, tomava certos cuidados... Um disco que me marcou muito foi *Construção*, do Chico Buarque. Aquela coisa da primeira letra feita com proparoxítonas — plástico, tráfego... —, todo mundo comentou na época. Eu fiz uma anotação mental: se algum dia eu escrever alguma coisa, será algo assim. Depois, fui aprendendo a deixar apenas o essencial. Mas as letras do Legião não têm nenhuma palavra difícil: "Todos os dias quando acordo / Não tenho mais o tempo que passou..."

BIZZ *E hoje? Parece que você está com dificuldades de se expressar...*

Renato Embora eu pense nessa situação toda em que a gente está vivendo, na verdade não penso muito. Fico em casa brincando com o bebê e não estou a fim de escrever. *(olhando para o gravador)* NÃO TÔ A FIM DE ESCREVER AS LETRAS DESSE DISCO! Tentei durante quatro meses, mas quando olho a situação como está... Está tudo tão próximo do pop massificado, as coisas estão tão engabeladas... Então, aparece aquela menininha cantando: "Certo ou errado, quem não sai na chuva não aprende a se molhar...", e eu acho isso fabuloso! É o tipo de coisa que se eu falasse ou o Cazuza falasse seria *isso*. Mas absolutamente não tem nada a ver, porque aquilo é fabricado! E, do jeito que são as coisas no Brasil, quem vai saber se aquilo é fabricado ou não? Lá fora é só mainstream — até os independentes são mainstream, até eles têm o sucesso. Estamos nos anos 90 e para mim é muito, *muito* difícil. Vou me sentir o maior falso se continuar falando as coisas que a gente fala.

BIZZ *Qual a importância das coisas ficarem mais claras e não tão misturadas?*

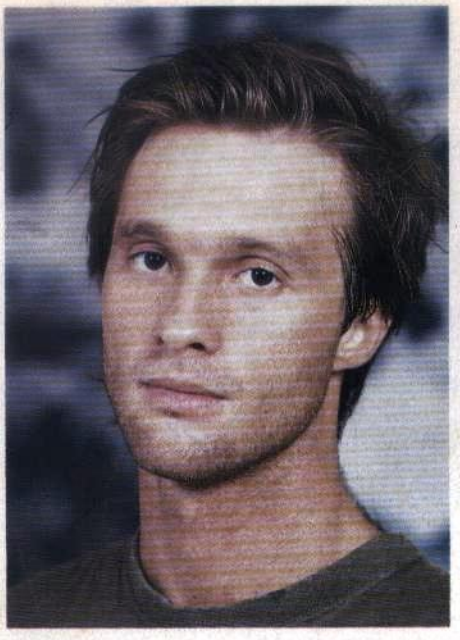
Renato Acho que é uma tendência mundial. Uma coisa é quando tinha Monkees e Velvet Underground. Mas o próprio tempo se encarregou de mostrar que eles não eram tão diferentes assim. Sério, hoje em dia eu ouço Monkees com o mesmo prazer que ouço Velvet Underground. E não tem tanta diferença assim. Não tem!

BIZZ *Mas qual a importância de haver essa diferença?*

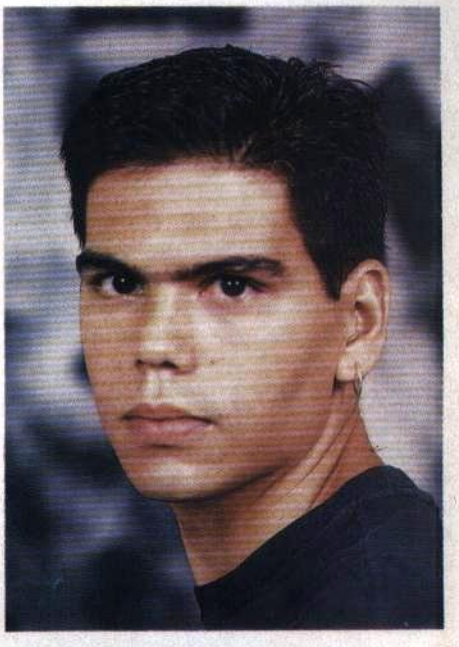
Renato Se estivesse mais claro, eu saberia onde estou pisando, porque eu sou das antigas. Não vou pegar um violão e fazer uma música babaquinha. Eu preciso acreditar que o que a gente está fazendo é uma coisa que vale a pena. Também estou achando que hoje em dia não está bem na hora de falar: está na hora de fazer. E como já provamos que a gente faz, fica meio assim... Eu gostaria de ter uma grande inspiração, mas realmente não tenho o que falar. O que eu posso falar é: "Aí, galera, aprendam", embora eu tenha sido criticado por isso. Não é uma coisa que me agrada, porque nunca falei pensando em dizer para as pessoas o que elas tinham de fazer; falava, sim, para mim. Mas eu já aprendi o que eu tenho de fazer. E o rock é uma coisa limitada — Lou Reed, John Lennon, Keith Richards, todos já disseram isso: depois de um certo momento, tem certas coisas que não se encaixam bem no rock. As pessoas assimilam, mas entra por um ouvido e sai pelo outro. Por ser algo que envolve muito consumo, principalmente as coisas espirituais não vão passar, porque requerem uma certa maturidade. Isso é muito confuso na minha cabeça. Não tô a fim, por exemplo, de fazer uma música pedindo para salvarmos a Amazônia. Eu gostaria de explicar por que a gente tem de salvar a Amazônia. Para mim a natureza

Fotos Marcos Bonisson/Azul

faz parte de Deus, faz parte da gente. Cada um, portanto, é dono do seu nariz. Posso estar no maior mau humor do mundo, mas é só eu olhar um bebezinho, pronto, é felicidade pura! Agora, como você vai colocar isso em música? São coisas que não se verbalizam. É o sorriso. E, na hora que você está pensando no seu trabalho, você quer preservar esses momentos para que eles sejam âncoras para o seu futuro. É fazer o inverso do que o Joy Division fez — fazer o que o New Order faz, "Touched by the hand of God"... Só que aqui no Brasil não tem essa base ética na qual você possa trabalhar. Tem de ficar catando as coisas ao vento e isso é o que mais me preocupa. Hoje mesmo estava passando por aqui aquele garoto dos Abelhudos e ele se amarra em rock'n'roll. Então, eu concluo que as pessoas fazem exatamente o que elas querem. Ele canta aquelas coisas porque é assim que ele é, se sente bem fazendo isso. Coisa de brasileiro, também, porque não temos aquela coisa germânica: *(com sotaque)* "Vamos fazer isto, vamos fazer aquilo..." O inimigo, no caso, sou eu. Sou eu que tenho de lidar com esta situação — governo, religião, ou o que quer que seja. Tirando o máximo de mim, vou ajudar as pessoas a terem essa visão. Também não estou a fim de entrar naquela viagem de Janis Joplin, Jim Morrison, tipo "eu sou inimigo, sou horrível, vou me matar". Não quero me matar... Não sei se isso explica alguma coisa.



Renato: *"Não vou pegar o violão e fazer uma música babaquinha. Preciso acreditar que vale a pena. Hoje em dia não está na hora de falar, mas sim de fazer. Como já foi provado que a gente faz..."*



BIZZ *Creio que tudo isso gera um quarto LP.*

Renato Você tem de se lembrar que só descobrimos isso agora, porque só trabalhamos assim: dando cabeçadas. O que está pintando é que eu sento para escrever as coisas mais bonitas que eu posso pensar e só saem coisas tristes, um ressentimento, um ranço. Ficamos tão chateados com o Billy, porque ele inventou de sair da banda... Então, pintou uma coisa de: "Vamos provar que conseguimos sem o Billy". Uma energia assim... meio vingativa.

Dado Como a gente falou no elevador, o Billy é que se deu bem! *(Risos).*

Renato E tem a história do consumismo, também — é um trabalho canalizado pela mídia e pelo público e não sei se isso é uma coisa legal. Uma conversa como essa é legal, mas a partir do momento em que você tem revista, reuniões e tudo, não sei se isso não vai invalidar o que você faz. É mais ou menos assim: você quer plantar uma árvore linda e maravilhosa no meio de um estacionamento. Sabe quando não tem a ver? Eu vou falar certas coisas, vou tocar num ginásio onde a garotada sofre, sofre para comprar disco, pois é tudo caro... Sabe quando não bate? Parece esses evangelistas de televisão: se você der o dinheiro para o voto, Jesus te salva! — As coisas que eu escrevi o Dado gosta, acho que o Bonfá também, mas tem esse ressentimento.

Dado Cara, mas é impossível você não ter esse ressentimento *(Bonfá concorda, numa conversa embolada).* Esse disco foi feito com ressentimento.

Renato *(Discutindo o conceito do disco com Dado e Bonfá)* Tá bom, então a gente pode fazer o seguinte: terminar esse LP e ser uma espécie de transição...

Dado Mas *é* um disco de transição...

Renato E no próximo a gente tenta...

Dado O projeto acústico...

Renato Não digo nem ser acústico, mas ter uma outra vibração...

Dado Gravar em lugar diferente *(voltando para a entrevistadora).* É que existe essa máquina por trás, então você está no quarto prédio do quarto andar dessa desgraça dessa máquina *(refere-se ao prédio da Odeon, onde foram realizadas as duas entrevistas),* e aí tem certos compromissos que me angustiam muito, muito, muito. Nego tá arrancando os cabelos lá dentro! Não gosto nem de vir aqui porque as pessoas ficam: "Será que o Renato vai botar vocal hoje, será que..."

Renato Eles ficam dependendo de você e eu não quero mais ninguém dependendo de mim. Pô, a gente não depende de ninguém! Gente, eu não dependo mais nem do rock'n'roll. Eu já levei tanto na cabeça esperando... A gente depende do rock'n'roll? *(Perguntando para Dado e Bonfá).* Eu não dependo mais, Sônia Maia, eu juro para você. Até gosto quando o Jesus and Mary Chain lança o novo disco deles. Mas é aquela história, cada um no seu lugar e ponto. Se for um bom disco, vou achar jóia, mas não vou ficar criando um código em cima disso. Se você pegar o jornal, ligar a televisão e vir o que está acontecendo... não dá. Você não vai mais poder se envolver com essas coisas a esse nível! Você não pode mais acreditar, *tem de conhecer.* Gostaria de falar disso tudo nas letras, mas não sei se estou pronto. Talvez nunca esteja ou só esteja daqui a cinco anos — droga não resolve mais, sexo tam-

bém não. Conhecimento também não ajuda muito, porque, quanto mais você lê, mais você está perto do problema. Temos de encontrar uma saída espiritual qualquer, que seja para cima, para o bem, de preferência. Senão, você cai em contradição, vira esse consumismo louco. Quer dizer, a única verdade que existe hoje em dia é o dinheiro e, como a gente está no Brasil, onde o dinheiro não tem um valor fixo, pira a cabeça das pessoas.

BIZZ *Falem mais de* Quatro Estações.

Dado A gente já andou um bom terreno. O disco já tem até um perfil. Tínhamos aqueles nossos planos de fazer um LP em que todos iriam participar. Isso é um ponto. Dois: as músicas vão ser mais elaboradas, as harmonias vão ser mais elaboradas — em vez de ter duas notas, como em "Ainda é Cedo" e "Soldados", terão cinco. Três: as músicas serão variadas entre si — a primeira é diferente da segunda que é diferente da terceira... Tudo que a gente queria, conseguimos. E, quatro: não vamos usar músico de estúdio, nem teclado, nem fazer *fusion*, sambinha, essas coisas — é um disco de rock. A parte musical do disco está pronta. Entrou muito o que nós estávamos sentindo, isso passou para a música. Mas faltam justamente os complementos para fechar o círculo. Eu já vi três letras e por mim achei ótimas. Cabem direitinho nas músicas.

BIZZ *Quais estão prontas?*

Renato "Pais e filhos", "Há Tempos" e "1965 (Duas Tribos)"... Mas eu não tenho tanta certeza... Meu processo criativo mudou. Não sei explicar. Eu, pelo menos, não tenho mais necessidade de, tipo assim, trepar e gozar... Agora eu aprendi: posso ficar cinco horas, entendeu, no beijinho, abracinho, pega aqui, pega ali, "Bem, vamos tomar um iogurte?" "Vamos". Aí fica lá com o iogurte... Porque antigamente era aquela coisa: blumpt, tem que gozar, ploft, gozou. Naquela época, eu estava tão tarado para conseguir alguma coisa que, vamos, um, dois, três... Hoje em dia você está mais aberto para outras coisas.

Dado Hoje em dia eu tenho meu cavalo e monto no meu cavalo. É uma coisa boba. Me sinto bem: é uma coisa totalmente à parte — vou sair para jantar, coisas pequenas.

Renato É um paradoxo. Muda a situação. O Caetano conseguiu porque ele continua firme no que faz. Mas isso não é todo mundo que consegue, não. Gente! Nem o Bob Dylan conseguiu! E ele era meu herói!

BIZZ *Falem sobre o título do LP* Quatro Estações.

Renato Tem essa coisa de primavera, mesmo, dos ciclos. Gostaria que fosse sobre ciclos, a perda da inocência, você atingir um certo estágio em que perdeu alguma coisa e, ou vai para o lado deles, ou retrabalha e reconquista isso. Porque no nosso caso, por sermos artistas, fica mais fácil que para as outras pessoas. Mas seria basicamente isso: primavera, verão, chega o outono e caem todas as folhas. E no inverno fica a árvore toda daquele jeito. É como se a gente estivesse chegando no inverno. Mas aí vem vindo a primavera de novo. Quer dizer, você pode escolher ter uma nova primavera. A maior parte das pessoas que eu conheço fica no inverno, e eu acho ser esse o maior problema delas. Acho que o mais importante é a gente redescobrir as coisas. Com as pessoas mais próximas, sinto que isso tem vindo através das crianças. É o que está acontecendo com a minha geração e é sobre isso que eu gostaria de falar. Porque eu realmente estou me lixando para o que vai acontecer com as baleias, com as árvores ou com a Amazônia. Mas e meu filho? Vai ser uma sacanagem da minha parte se eu não me importar mais com a Floresta Amazônica.

Eu, qualquer coisa, viro *Blade Runner*. Arrumo uma sala como essa, boto tudo o que eu preciso ali dentro e foda-se. Mas não dá, temos de pensar nas outras pessoas, principalmente nas que estão vindo agora. É a maior injustiça elas não terem o mundo que você teve. Do jeito que estão indo as coisas, um garoto de 2 anos hoje, quando estiver com 8, 9, 10... não vai mais *ter*. Não vai *ter*, gente!

"Eu não dependo mais nem do rock'n'roll. Eu já levei tanto na cabeça esperando..." (Renato)

Mas aí entra o rock'n'roll. Eu também não quero... Bem, morro de medo só de pensar que meu filho pode achar superbabaca o que eu faço... Bom, voltando, e eu aqui tentando explicar por que as letras não estão saindo. Não saíram porque eu não escrevi, ponto. Mas, basicamente, essa é uma outra questão *(refere-se ao meu comentário de que quem está ouvindo rock brasileiro hoje, são os garotos entre 8 e 10)*. Porque quando você fala para você mesmo ou para as pessoas da tua idade, você sabe o que vai falar. E você não tem a mínima idéia do que passa na cabeça dessas pessoas que estão te ouvindo. Meu maior medo é elas ouvirem uma música do Legião e falarem: "Hum, aquele Renato Russo é um chato!"

BIZZ *E o projeto do disco acústico que vocês falaram?*

Renato Isso é antigo. Mas aí o Bonfá comprou uma bateria de dois bumbos...

Dado E o Renato falou: "Bom, não vamos fazer um disco acústico *(risos)*". Mas esse lance de disco acústico é um caminho interessante. Eu tenho ido a shows por aí e, pô, está tudo tão igual, tão chato. Eu não me sinto emocionado de estar naquela platéia assistindo a determinado show. E já foram vários os que eu assisti. Tudo muito igual, uma linguagem muito desgastada. Com um disco acústico talvez você se diferencie, uma outra sonoridade. Foi uma coisa que bateu porque, enquanto eu fazia o disco, fui a estes shows e, pô, não tô mais a fim de fazer esse tipo de coisa. As pessoas até falam que somos diferentes e tal, mas eu não acredito nisso. Não vejo por onde seja diferente: é uma bateria, guitarra, baixo, vocal. Para mim temos a mesma estética.

Renato Olha, eu quero falar uma coisa. Eu sempre quis falar isso. O lance é o seguinte *(seríssimo)*. São duas coisas. Primeiro: Não vou pedir desculpas nem perdão, mas eu gostaria de explicar que, se eu pudesse voltar no tempo, eu não faria certas coisas que fiz. No caso de Brasília eu faria tudo de novo. Da próxima vez ainda levava uma metralhadora giratória e matava um monte de gente... Claro que não. É brincadeira. No caso de Brasília, não faríamos o show. Mas uma das coisas mais importantes é a seguinte: uma vez, num show do Morro da Urca, estávamos tocando "Soldados", e tem aquela parte: "Somos soldados pedindo esmolas..", e um garotão cismou de tacar umas moedas — porque na época o Ultraje estava com aquela música "Dinheiro..." e as pessoas jogavam dinheiro. Eu fiquei tão puto com esse garoto, peguei o microfone, fiquei 15 minutos falando as coisas mais horríveis que alguém pode dizer para um ser humano. Eu estava numa fase muito ruim, cheio de problemas, como sempre, embora isso não justifique. As pessoas até falam que eu estava superprepotente e depois fui ver que era verdade. Então, se esse rapaz estiver lendo isso, gostaria de dizer a ele que eu não sou assim, não. Bem, o outro recado é para os jovens *(agora olhando para o gravador)*. Jovem, por favor, escuta: Lobão, eu, Cazuza, quem quer que seja, a gente não vai mudar as coisas, coloque isso na tua cabeça. Nós pegamos um violão, cantamos, mas isso não tem nada a ver com o mundo real. Música é música. Se vocês querem que mude, usem seu título de eleitor. Não fiquem cobrando posição dos artistas. Façam como nos EUA: você não gosta das coisas, escreve uma carta para seu congressista. Se eu quisesse mudar o mundo, não estaria numa banda, e, sim, no Projeto Rondon, tinha me filiado a algum partido etc. Se querem mudar o mundo, façam política. Esqueçam esta história de formar banda para se expressar. Se vocês quiserem falar que o céu é azul, lindo e que brigaram com a namorada, tudo bem. Mas se querem resolver o problema do país, em vez de pegar uma guitarra, entrem para um partido, vão trabalhar, sejam honestos e mudem as coisas. *(Voltando para Dado, Bonfá e eu)* É o que eu acredito, sabe. Cheguei a esta conclusão. Essa garotada toda acha que a solução é fazer rock'n'roll. Não é! *(Olhando novamente para o gravador)* Rock'n'roll é para a gente conseguir dinheiro, sexo e diversão!

Sônia Maia